

RESENHA

SILA, Abdulai. **A Última tragédia**. São Paulo: Pallas, 2006, 192 p.

Érica Cristina Bispo

Mestra em Literatura Portuguesa
UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: bispoerica@gmail.com

Numa viagem de ônibus, iniciei a leitura de *A última tragédia*, de Abdulai Sila. Tanta foi minha empatia com a obra que não consegui largá-la até, enfim, aportar na última página. Numa experiência fascinante, Sila conduz o leitor a um passeio ao período colonial guineense, na voz de um narrador *griot*¹ que instiga à leitura.

O retorno ao passado proposto pelo autor traz consigo o pensamento e a ideologia dominantes da época, bem como a reação das personagens situados ficcionalmente neste contexto. Observamos o discurso colonial sendo pronunciado pelos brancos e repetido pelos negros. Podemos situar a obra *A última tragédia* no momento histórico a que Kabengele Munanga se refere em *Negritude*², quando era necessária uma mudança do pensamento negro a fim de “revalorizar” a própria cultura, depreciada pelo branco. A efabulação do romance abarca o sentimento de “inferioridade congênita” do negro, “legitimado” pela colonização e pela missão salvadora e civilizatória atribuída, nessa época, ao branco. Contudo, a aparente aceitação das personagens negras de uma supremacia branca é, na verdade, uma denúncia da “última tragédia” que poderia assolar o território guineense.

O romance se desenrola em torno de Ndani, adolescente africana cujo corpo, segundo um feiticeiro de Biombo – aldeia natal da personagem - , é habitado por um



Pallas: 14x21cm 192 páginas
ISBN 85-347-0398-1

espírito mau. Cansada de ser discriminada em sua *tabanca*³, segue para a cidade a fim de trabalhar como criada na casa dos brancos. Lá, tem seu nome trocado e inicia -se um processo de assimilação: Ndani, aliás, Maria Daniela assume o novo nome e a nova personalidade, até ser estuprada pelo senhor e retornar ao interior. Neste segundo deslocamento, ela segue como uma negra instruída que, como sua sexta esposa, trará *status* ao régulo de Quinhamel, este, por sua vez, é um representante da resistência negra à colonização e à submissão aos portugueses. Após mais um infortúnio, Ndani segue para o seu terceiro deslocamento, dessa vez, vai acompanhada do Professor, seu único amor, para Catió. Nesta cidade, ela sofre sua última tragédia.

A tragédia de Ndani se relaciona à discriminação e aos males que a sociedade colonial ocasionou aos povos colonizados. De certa forma, ela é a imagem metonímica de seu país. Se, por um lado, a protagonista tem o corpo habitado por um mau espírito, descoberto pelo *Djambakus*⁴, que transforma sua vida numa sucessão de tragédias; por outro lado, toda a sociedade guineense tem seu território invadido por portugueses “maus” que desrespeitam a ordem preestabelecida pelas etnias, transformando o território de diferentes povos num único país.

O envolvente efeito estético da obra está na hábil condução dos sucessivos deslocamentos da personagem principal, e, para tanto, a figura do narrador é o fio de Ariadne que conduz o leitor pelo labirinto da ideologia pré-independência. É através dessa voz que se mantém e se ironiza a ideologia colonial. Por exemplo, o narrador nos expõe a missão salvadora das mulheres brancas enviando suas escravas ao catecismo e ironiza tal ato na sucessão de nomes de brancas e novos nomes de negras: todas se chamam Maria: Maria Deolinda, Maria Eugênia, Maria Daniela, Maria da Esperança, Maria Clara, Maria Clarice, Maria dos Anjos, Maria Isabel, Maria da Conceição etc.

Em momento algum o narrador opina ou interfere no enredo, mas, ainda assim, sua atitude desdiz seu discurso, que afirma: “O branco trabalha pouco, mas pensa muito, o preto trabalha muito, mas pensa pouco. Tudo ao contrário”⁵. O narrador é o grande aliado dos negros do romance, é ele que nos conduz aos pensamentos deles, diferentemente das personagens brancas, que são lineares, são o que fazem e o que dizem e não o que pensam.

Este romance, que ora chega ao Brasil pela editora Palas Athena, fora produzido em 1984, na diáspora. Foi publicado, enfim, em 1995, na Guiné-Bissau, pela editora Ku Si Mon⁶, na França em 1996⁷ e em Cabo Verde em 2002. Juntamente com *Eterna Paixão* (1994) e *Mistida* (1997), forma uma simbólica *Trilogia*, que obedece a uma seqüência

cronológica: *A última tragédia*⁸ refere-se ao período pré-independência; *Eterna Paixão* alude à euforia e à desilusão dos anos que se seguiram à independência; e *Mistida* dá conta dos anos que precederam a guerra civil (1998 -1999).

A última tragédia é um desses romances que só se larga quando se chega ao fim. Fica aqui, então, o convite para o embarque nesta estória que pode ter sido a história de muitas personagens reais desse povo co-irmão tão sofrido e cujas obras são tão pouco lidas pelos brasileiros.

REFERÊNCIAS:

- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e costumes*. São Paulo: Ática, 1986
- SILA, Abdulai. *L'ultime tragédie*. Saint-Maur: Sépia, 1996.
- SILA, Abdulai. *Mistida (trilogia)*. Praia: Centro Cultural Português Praia -Mindelo, 2002.

NOTAS:

¹ Griot: vocábulo de origem francesa que designa o contador de estórias africano em diversas etnias africanas.

² Munanga (1986, p. 25-30).

³ Aldeia, em crioulo guineense.

⁴ Adivinho, feiticeiro.

⁵ Sila (2002, p. 64-65).

⁶ O nome da editora tem dois significados: o primeiro é a tradução “Com as próprias mãos”; e o segundo faz referência a seus idealizadores: Fafali KOUdawo (tongolês), Abdulai Sila (guineense) e Teresa MONTenegro (chilena).

⁷ SILA, Abdulai. *L'ultime tragédie*. Saint-Maur: Sépia, 1996.

⁸ Apesar de ter sido publicado depois de *Eterna Paixão*, foi o primeiro a ser escrito.